



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## **O fluxo migratório boliviano para São Paulo e as configurações contemporâneas do trabalho**

Renata Barreto Preturlan

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo

[renata.preturlan@usp.br](mailto:renata.preturlan@usp.br)

Desde os anos 1970, a migração internacional vem crescendo em ritmo acelerado. A cidade de São Paulo, historicamente um destino privilegiado de imigrantes, voltou a receber numerosos fluxos migratórios. Entre eles, destacam-se os bolivianos, cujas principais ocupações estão vinculadas à costura no setor de confecções e vestuário. Embora não haja dados confiáveis, estimativas apontam para uma população de 80 a 150 mil bolivianos na capital (C. Silva, 2008).

Após as primeiras reportagens veiculadas na mídia, desenvolveram-se os primeiros estudos acadêmicos sobre os bolivianos, permitindo-nos traçar um quadro mais detalhado do perfil desta população e de sua inserção ocupacional na cidade de São Paulo (cf. Azevedo (2005), Buechler (2004), Freitas (2009), Illes *et alii* (2008), Rossi (2005), C. Silva (2008, 2009), Silva (1997, 2008), Xavier (2009, 2010), entre outros).

À primeira vista, o quadro parece uma reedição de fenômenos do passado: migrantes, trabalho em oficinas (frequentemente nas próprias casas), informalidade e más condições de trabalho compõem um cenário conhecido, especialmente no setor de confecções. Durham (1973) já apontava como muitas mulheres nordestinas que vinham para São Paulo trabalhavam como costureiras em suas casas. Por outro lado, a alternância entre diferentes tipos de trabalhadores vulneráveis (mulheres e/ou migrantes) parece ser uma recorrência desse setor em diversos lugares do mundo, desde o século XIX (Green, 1996). Estas formas de trabalho parecem, portanto, ser sintomas



de “permanência do atraso”, resquícios ainda não superados por nossa modernidade sempre incompleta.

Contudo, o reaparecimento e expansão de formas de trabalho antigas em um contexto novo devem ser explicados a partir deste contexto, e não o contrário. A constatação de que práticas antigas voltam a ser implementadas não significa que tudo voltou a ser como antes; pelo contrário, exige novas análises que deem conta da recriação dessas práticas em um momento qualitativamente diferente do capitalismo. É necessário, também, indicar a ressignificação dessas práticas na fase atual, incluindo as formas de simbolização destas relações por parte dos atores.

Neste texto, demonstrarei este processo a partir da análise das condições de trabalho dos trabalhadores bolivianos do setor de confecções da cidade de São Paulo. Mais do que uma atualização de práticas estabelecidas no setor, trata-se de uma reconfiguração das relações de trabalho impulsionada pela reestruturação produtiva e em consonância com uma série de transformações socioeconômicas agrupadas sob o rótulo de “globalização”. Isto significa que, estrutural e subjetivamente, trata-se de situações de trabalho bastante distintas das anteriores. Por meio do diálogo entre as perspectivas da sociologia do trabalho e da sociologia da imigração, podemos compreender melhor as especificidades dos chamados “novos fluxos migratórios” e iluminar as especificidades do trabalho no mundo contemporâneo – tanto com relação aos limites impostos aos trabalhadores quanto as oportunidades.

Este artigo foi elaborado com base na bibliografia existente sobre o tema, observações etnográficas realizadas ao longo de 2010 e 2011 e entrevistas semi-estruturadas realizadas com migrantes bolivianos residentes na cidade de São Paulo.

### **1) A migração boliviana para São Paulo**

O primeiro estudo sobre a corrente migratória boliviana para São Paulo originou-se de uma pesquisa de mestrado, que deu origem ao livro *Costurando sonhos*, de Sidney da Silva, de 1997. O autor aponta que os primeiros bolivianos vieram para a cidade na década de 1950, com a instituição de convênios de intercâmbio universitário

entre os dois países. Porém, é a partir dos anos 1980 que o fluxo se intensifica, com um perfil diferenciado.

Constitui-se um fluxo de trabalhadores pouco qualificados, direcionado para o abastecimento das oficinas de costura. Estes migrantes já vinham com um trabalho definido, tendo frequentemente as despesas de viagem pagas pelo futuro empregador. Desde então, a chegada de bolivianos cresce anualmente, com dois períodos de grande aumento: na década de 1990, após o controle da inflação com o Plano Real, e por volta de 2005. Em geral, são jovens (até 40 anos), com distribuição equilibrada entre os sexos. Entre os casados, a imensa maioria tem cônjuge boliviano (Freitas, 2009). Apontam a dificuldade com a língua como um dos maiores obstáculos enfrentados (Silva, 2008).

A inserção dos bolivianos no setor da costura está intimamente relacionada à trajetória de outro grupo de imigrantes, os coreanos.<sup>1</sup> Nas primeiras reportagens da imprensa sobre estes novos migrantes, na década de 1990, essa conexão já estava expressa. Os coreanos eram os donos das oficinas, e contratavam a mão-de-obra boliviana.<sup>2</sup>

As oficinas seguem a distribuição espacial das áreas tradicionalmente vinculadas ao setor de vestuário, com uma concentração inicial bastante pronunciada no centro da cidade, nas regiões do Bom Retiro, Pari e Brás. Nos últimos anos, verifica-se uma dispersão maior na cidade, à medida que os bolivianos se dirigem para a zona leste, Guarulhos e outras cidades próximas. Mais recentemente, encontram-se oficinas de costura com trabalho boliviano em outras cidades do interior de São Paulo que fazem parte do circuito de confecções.

O setor de vestuário passou por importantes transformações nas últimas duas décadas. Carlos Freire da Silva (2008) descreve como a abertura comercial, possibilitando a concorrência dos produtos chineses no mercado local, a

---

<sup>1</sup> Trata-se, em sua maioria, de sul-coreanos, embora muitos que saíram desse país tenham emigrado anteriormente da Coreia do Norte (cf. Freitas, 2009).

<sup>2</sup> Outros migrantes sul-americanos também trabalham nas oficinas de costura, com destaque para os paraguaios. Os bolivianos, contudo, são maioria.



desregulamentação do setor e flexibilização das relações de trabalho transformaram a produção:

*A indústria de confecções passou por um processo de reestruturação onde as empresas diminuíram o tamanho de suas plantas e concentraram-se nos processos de criação, modelagem, corte de tecidos e comercialização dos produtos finais. As empresas formalmente constituídas passaram a subcontratar o serviço de oficinas de costura externas às fábricas na parte mais intensiva em mão-de-obra da produção. A terceirização foi uma estratégia de gestão de mão-de-obra para lidar com uma produção diversificada, de pequenas escalas e que muda constantemente de acordo com as variações nas tendências da moda (C. Silva, 2008: 93).*

As grandes fábricas fordistas da região central de São Paulo foram progressivamente fechadas; as ex-operárias, em grande parte, continuaram a trabalhar no setor, mas em oficinas mantidas por elas próprias em suas casas.<sup>3</sup> Os lugares onde elas se concentram, principalmente na zona leste, são também locais de concentração dos bolivianos. O sistema de subcontratação não atende somente ao comércio de artigos populares, mas toda a cadeia produtiva, incluindo as lojas voltadas às classes média e alta, dos shoppings à Rua Oscar Freire.

O processo de subcontratação<sup>4</sup> cresce em paralelo à informalização crescente do setor, acompanhado pela degradação das condições de trabalho. As oficinas recebem as peças já cortadas e prontas para a costura; há mesmo distribuição de diferentes etapas do processo (como pregar botões e fazer a costura de overloque) entre várias oficinas. O pagamento é feito por peça produzida, variando de acordo com a complexidade do trabalho; entretanto, os valores sempre representam frações mínimas do valor final da peça – as oficinas receberiam entre R\$1,50 e R\$3,00 por peça, e repassariam de R\$ 0,10 a R\$ 0,50 aos costureiros, segundo C. Silva (2008).

---

<sup>3</sup> A divisão de gênero, marcada nas antigas fábricas confeccionistas, quando eram operárias mulheres a imensa maioria dos trabalhadores, não se repete no caso dos bolivianos, com homens e mulheres trabalhando nas máquinas. Contudo, a desigualdade de gênero se manifesta na divisão das tarefas domésticas (que recai quase totalmente sobre as mulheres), e conseqüentemente em seus rendimentos.

<sup>4</sup> Na literatura, encontramos os termos terceirização e subcontratação utilizados como sinônimos, indistintamente. Porém, optei por utilizar para descrever este processo o termo subcontratação, entendendo-o como a contratação de outras empresas para realizar tarefas ligadas à atividade principal da empresa (no caso, o trabalho de costura no setor de confecções), classificando como terceirização somente os casos em que os serviços contratados não se vincularem à atividade fim (como, por exemplo, manutenção e limpeza).



A informalidade reduz os custos da mão-de-obra em até 10 vezes, e exclui os trabalhadores do acesso a uma série de benefícios e direitos sociais (Freitas, 2009). Por sua vez, a subcontratação elimina o vínculo empregatício das grandes lojas com os trabalhadores do setor; um setor manufatureiro passa a se abastecer mediado por relações de “serviço”, de modo que não é responsabilizado juridicamente pelas relações de trabalho na cadeia fornecedora. As relações entre os trabalhadores e as empresas confeccionistas passam a ser regidas pelo direito comercial (um ramo do direito privado, que pressupõe relações entre iguais), e não mais pelo direito do trabalho (um ramo do direito público cujo princípio central é a desigualdade entre empregadores e trabalhadores).

Por ser um setor cuja produção varia de acordo com os períodos do ano, a demanda de trabalho pode ser baixa em certos momentos e altíssima em outros (como nos últimos meses do ano), de modo que muitas vezes o número de horas trabalhadas é dado pelo limite da resistência física dos trabalhadores. Muitos bolivianos vêm para São Paulo para trabalhar nos períodos de alta produção e depois retornam, realizando idas e vindas frequentes, mediadas por contatos estabelecidos com familiares ou conhecidos.

No caso específico dos bolivianos, a degradação das condições de trabalho é ainda maior devido a sua condição irregular. As jornadas de trabalho estendem-se por até 12 a 16 horas por dia, incluindo sábados (inteiros ou meio-período), para obter salário que não raro ficam abaixo do piso da categoria (entre R\$ 700,00 e R\$ 800,00, dependendo da função). A maioria deles mora nos mesmos locais em que trabalha, frequentemente em espaços pequenos e superlotados. É comum que a alimentação também seja fornecida pelos empregadores (Illes *et alii*, 2008).

A vinda para o Brasil costuma ser financiada pelos futuros empregadores. A inserção no circuito, a partir da Bolívia, pode se dar por meio de familiares e conhecidos, que trazem novos trabalhadores para suas oficinas, ou por meios mais impessoais, como anúncios nos maiores centros urbanos.<sup>5</sup> São raros os migrantes que vêm sem ter contatos em São Paulo ou uma proposta de trabalho. A vinculação com os

---

<sup>5</sup> Há uma predominância, entre os bolivianos de São Paulo, dos oriundos do departamento de La Paz (Silva, 2008). Como aponta Xavier (2009), as cidades de El Alto e La Paz são pontos importantes na rota migratória para São Paulo.



empregadores no financiamento da vinda, na moradia e na alimentação ocasiona maior vulnerabilidade dos migrantes:

*Uma vez em São Paulo, a dominação e a exploração econômica nas oficinas de costura estão baseadas na **relação ampliada entre imigração irregular, trabalho e moradia**. Os mesmos fatores que facilitam a vinda para a cidade como o financiamento da viagem e hospedagem, combinados com a situação irregular e as exigências de produtividade, geram uma dependência entre empregados e empregadores caracterizada pela forte abrangência no controle das condições de vida dos imigrantes por seus patrões. Esses elementos, no limite, podem levar a situações extremas de exploração do trabalho (C. Silva, 2009: 10; grifo meu).*

Frente a este quadro, algumas associações e grupos ligados aos imigrantes explicam estas condições de trabalho fazendo referência a especificidades culturais dos bolivianos. Afirma-se que, entre os povos andinos, a família é constituída por uma ampla rede de relações de parentesco distantes, que implicam em obrigações de reciprocidade e ajuda mútua. Sendo a migração uma estratégia familiar, o que ocorre não é um quadro extremo de exploração, mas cooperação entre parentes em condições econômicas desfavoráveis.<sup>6</sup> Por outro lado, há quem acredite que as longas jornadas e a baixa remuneração derivem da falta de informação: os bolivianos não conhecem a legislação trabalhista brasileira, e por isso cometem “excessos”.<sup>7</sup>

A explicação cultural é insuficiente e tende a obscurecer as conexões deste caso específico com processos mais amplos de transformação política e econômica ao redor do mundo. Em certa medida, a ênfase da mídia nas condições precárias de trabalho dos bolivianos contribui para esta visão parcial. Enquanto outras nacionalidades são destacadas por sua culinária ou sua cultura, os bolivianos encontram seu espaço nas páginas policiais, embora migrantes de outras nacionalidades também trabalhem em condições bastante semelhantes, como os paraguaios. Com exceção do sistema cama adentro (as costureiras não costumam morar nos locais de trabalho na maioria das vezes), as condições são bastante semelhantes para os brasileiros no setor. Ao reforçar a identificação entre bolivianos e trabalho escravo, também se tende a considerar que

---

<sup>6</sup> Opinião de Ruth Camacho, filha de bolivianos e advogada da Pastoral dos Migrantes, proferida em diversas palestras ao longo de 2010.

<sup>7</sup> Opinião de membros da diretoria da Associação dos Residentes Bolivianos (ADRB), em reunião de agosto de 2010.



casos extremos de exploração – ao ocorrer somente entre bolivianos – são um problema que deriva de especificidades dos bolivianos.

Para ir além destas visões reducionistas, que interpretam esta situação seja como permanência do atraso em certos setores, seja como manifestação de uma especificidade cultural boliviana, deve-se recorrer à literatura sobre globalização e aos debates contemporâneos da sociologia do trabalho. É o que será feito no item a seguir, baseando a reflexão sobre o caso dos bolivianos nestes avanços teóricos recentes.

## **2) Globalização e as mudanças estruturais no setor de confecções**

As análises sobre globalização costumam convergir para a importância das mudanças econômicas que vêm ocorrendo desde a década de 1970 – ainda que as compreendam de formas distintas. Harvey (1993) aponta para as transformações do “pós-fordismo” como a raiz de todos os processos associados à globalização. Hirst e Thompson (1998) apresentam uma perspectiva interessante ao questionar interpretações mais radicais da globalização econômica. Defendem a tese de que o que vem ocorrendo é um processo de internacionalização da economia internacional – o que não significa dissolução de fronteiras e Estados, mas sim o aumento da interdependência no mundo. Isso representa, para o trabalho e para o capital, um cenário de maior competitividade. Isto é particularmente relevante para nossa análise das condições de trabalho dos bolivianos em São Paulo.

O setor de confecções em São Paulo passou por um processo amplo de reestruturação (Kontic, 2001). O perfil da produção mudou: longas séries de produtos padronizados foram substituídas por séries curtas, altamente voláteis e muito dependentes das flutuações da moda; a incerteza com relação à aceitação dos produtos pelos consumidores fez com que o risco aumentasse em toda a cadeia produtiva.

À mudança na produção corresponde a alteração na organização da produção. Grandes fábricas foram progressivamente desativadas, sendo substituídas por um sistema mais flexível e descentralizado. Os distribuidores (lojas atacadistas, grandes magazines e pequeno comércio) encomendam os produtos das empresas confeccionistas, responsáveis pela concepção, design e corte das peças. Estas



subcontratam a parte da confecção mais intensiva em mão de obra: a costura. Cada empresa conta com uma série de oficinas, das quais encomenda trabalhos.

É neste ponto que os imigrantes bolivianos têm maior participação. Em sua maioria, trabalham como costureiros em oficinas subcontratadas. Inicialmente, os coreanos eram os donos das oficinas, que recrutavam e contratavam os bolivianos. Atualmente, há um número grande de oficinas sob o controle dos próprios bolivianos, à medida que os coreanos se concentram nas empresas confeccionistas.

Como afirma Kontic (2001), o trabalho domiciliar no setor de confecções vem sendo utilizado na cidade de São Paulo há décadas. Mesmo no auge do período “fordista”, em que as grandes fábricas dominavam o setor, havia segmentos específicos em que o trabalho domiciliar era preferencialmente utilizado. Estes, contudo, eram residuais, tendo em vista que “a integração vertical e o sistema fabril eram tidos como virtude e [em] alguns casos como meta de estratégias empresariais” (2001: 46).

Durante a década de 1980, estes arranjos residuais se tornaram majoritários. Estas novas estratégias organizacionais respondiam aos imperativos de competitividade, de resposta rápida às flutuações de uma demanda cada vez mais segmentada e diversificada. Kontic destaca a importância destes arranjos locais para o sucesso do setor; frente à abertura comercial e à crescente concorrência dos produtos chineses, muitos pólos da indústria de vestuário praticamente encerraram suas atividades (como, por exemplo, Buenos Aires). A cidade de São Paulo passava por um forte processo de desindustrialização e, na tendência oposta, o setor de confecções se reestruturou e continuou crescendo. Ele se consolidou como uma referência em moda e *design*, com destaque para a realização da São Paulo Fashion Week (Kontic, 2007). Sobre este novo padrão organizacional, Kontic esclarece:

*São produtos voláteis, sujeitos a séries limitadas e maiores incertezas. As tecnologias apropriadas por este tipo [de] indústria, assim como sua forma de organização, se subordinam a esta lógica. Do mesmo modo, a crescente fragmentação do processo produtivo e a ampliação de práticas de subcontratação na RMSP guardam relação com esta compressão dos tempos de inovação de produto, em que a recombinação de operações se defrontaria com desafios intransponíveis, se realizadas na lógica de especialização rígida de tipo taylorista ou da organização industrial fordista. (2001: 20)*



Da perspectiva das empresas do setor de confecções, os processos de intensificação da competição internacional – vinculados à globalização – são fundamentais para se compreender sua reestruturação. O conceito deliberadamente amplo de pós-fordismo indica uma série de processos de desconstrução dos arranjos produtivos do fordismo (redução dos níveis hierárquicos das empresas, maior autonomia dos trabalhadores, descentralização e fluxos de produção em rede) visíveis no setor de confecções paulistano. Sob o risco de submergir frente a uma concorrência cada vez mais acirrada, o setor se submeteu a importantes mudanças organizacionais e se manteve com vigor.

A reestruturação do setor têxtil é um fator fundamental para a intensificação do fluxo migratório de bolivianos. Ela criou uma série de posições intermediárias em pequenas empresas e oficinas, inicialmente conquistadas pelos coreanos – que foram importantes no recrutamento de trabalhadores na Bolívia. O ressurgimento de formas de trabalho que antes estavam se reduzindo ocorre em diversas grandes cidades do mundo, e está intimamente ligada aos novos fluxos migratórios (Sassen, 2010). Longe de representar a permanência de práticas de setores atrasados, esta forma de produção domiciliar ressurgiu “justamente na medida em que estes setores se articulam em escala global e cresce sua importância na participação da economia de suas cidades” (C. Silva, 2009: 10). Apesar do início do fluxo anteceder a reestruturação produtiva, como defende Patrícia Freitas (2009), dificilmente a migração boliviana teria atingido as proporções e o dinamismo de hoje caso as condições do setor da capital paulista fossem outras.

Por outro lado, aponta-se como uma razão central para a forte emigração da Bolívia a profunda crise econômica que se abateu sobre o país na década de 1980. Foram particularmente importantes as privatizações de minas e fábricas estatais, que agravaram dramaticamente o desemprego em período curto (Freitas, 2009). Estas políticas, de inspiração neoliberal, fazem parte da onda de mudanças políticas, econômicas e sociais vinculadas ao pós-fordismo cujo objetivo (declarado) era aumentar a eficiência e a competitividade das empresas estatais.

Do ponto de vista dos trabalhadores, o princípio fundamental por trás das mudanças de condições também pode ser interpretado em termos de acirramento da



concorrência. Como defende Carlos Silva (2008), não houve nenhuma mudança tecnológica significativa neste período que justificasse a profunda transformação na estrutura organizacional do setor; trata-se em realidade de novas estratégias de gestão da mão de obra. Em uma palavra, transfere-se grande parte dos riscos de um setor que se tornou cada vez mais volátil para os trabalhadores.

Isso é visível em diversos aspectos do sistema descrito acima. As variações sazonais, aliadas ao pagamento por peça, fazem com que a quantidade de trabalho demandada, a jornada de trabalho e o salário dos trabalhadores sofram grandes variações ao longo do ano. Em períodos de grande demanda, a jornada pode ultrapassar 16 horas diárias; por outro lado, no início do ano e em julho e agosto, a falta de encomendas pode ser desesperadora para algumas oficinas. O trabalhador da fábrica fordista, que recebia o mesmo salário por uma jornada constante ao longo de todo o ano, foi substituído por um trabalhador “flexível”, que é acionado somente quando necessário.

Os riscos também aumentaram para os trabalhadores devido à crescente informalização do setor. Evidentemente, ao não contar com uma série de benefícios sociais, o trabalhador aumenta sua dependência com relação ao trabalho – aumenta o grau da mercantilização de sua força de trabalho. Como mencionado acima, devido ao sistema “cama adentro”, os migrantes bolivianos são particularmente mais vulneráveis, especialmente com relação ao dono da oficina em que trabalham. A informalidade também faz com que todos os elos da cadeia fiquem mais vulneráveis a falhas no processo – calotes e atrasos prejudicam a todos, mas atingem particularmente os trabalhadores. As oficinas competem entre si pelas encomendas de forma acirrada.

Até o “controle de qualidade” foi externalizado. Caso alguma peça seja danificada por um costureiro, ele deve pagar o *valor de venda no varejo* (não o valor de custo), frequentemente 50 vezes maior que o valor que o costureiro receberia pelo trabalho. Trata-se de mais um risco, presente em qualquer setor manufatureiro, assumido exclusivamente pelo trabalhador.

### 3) O trabalho no século XXI e os novos fluxos migratórios



Em posição tão desfavorável, não é de surpreender que haja tantos casos de exploração de trabalhadores nas oficinas de costura. O crescimento das denúncias fez com que aumentasse o número de ações da Polícia Federal de inspeção das oficinas – o que resulta na perda das máquinas, responsabilização penal do empregador e deportação dos trabalhadores. Isto contribuiu para a dispersão espacial das oficinas pela cidade, conforme mencionado acima.

Segundo Roger Plant, chefe do Programa Internacional de Combate ao Trabalho Escravo da OIT, a globalização ajuda a agravar o trabalho escravo, na medida em que multiplica a demanda por trabalho precarizado e mal pago, e que o endurecimento das legislações sobre imigração contribui para a proliferação de redes de tráfico.<sup>8</sup> O tráfico de pessoas está intimamente ligado ao trabalho escravo, pois promove formas de servidão por dívida e de vulnerabilização – condição migratória irregular, não domínio da língua local, ausência de redes de suporte (OIT, 2005).

Contudo, estas denúncias não podem resultar numa generalização equivocada a respeito dos trabalhadores bolivianos. Trata-se de situações de trabalho extremamente precário que, em situações limite, resultam em trabalho escravo. Verifica-se intensa mobilidade no setor, que é altamente dinâmico; é muito raro que algum trabalhador fique desempregado. Além disso, a migração para São Paulo e o trabalho no setor da costura tem se mostrado uma alternativa real de mobilidade social para muitos migrantes, visível principalmente no estabelecimento de oficinas próprias<sup>9</sup> e na constituição de novos negócios, em geral voltados para a comunidade boliviana.

A informalidade no setor, responsável por tantas situações de privação de direitos, é também o que abre a muitos imigrantes a possibilidade de ascensão social. Portes e Castells advertem que a economia informal “não é um conjunto de atividades de sobrevivência realizadas por pessoas necessitadas nas margens da sociedade” (1989: 12). Na realidade, muitas atividades informais são extremamente lucrativas. Para muitos imigrantes bolivianos, a informalidade permitiu que se tornassem donos das próprias

---

<sup>8</sup> Fonte: Folha de São Paulo, 29/03/2004: “Globalização ajuda a agravar trabalho escravo, diz OIT”.

<sup>9</sup> Tornar-se dono da própria oficina é a principal forma de ascensão social, e é apresentado pela maioria dos costureiros como seu maior sonho (Silva, 1997). Em geral, ao consegui-lo (e para dar conta de aumentos da produção), os novos donos recrutam novos trabalhadores na Bolívia, entre familiares e parentes, mantendo com os recém-chegados o mesmo regime de trabalho (Illes *et al.*, 2008; Freitas, 2009).



oficinas e montassem seus próprios negócios independentemente de sua situação migratória irregular. Isto é particularmente verdadeiro com relação aos pequenos produtores das chamadas Feirinhas da Madrugada, com destaque para a do Brás. Eles criam, cortam, costuram e vendem sua própria produção, alcançando rendimentos bastante elevados (cerca de R\$ 5 a 10 mil reais de renda familiar mensal).

A associação entre imigração e informalidade é tamanha que, nos Estados Unidos, alguns autores supunham que ela fosse um resquício de métodos de sobrevivência trazidos de países pobres e que não tivessem relação estrutural com o restante da economia americana. Comprovou-se, porém, que a causalidade corre no sentido inverso; o aumento da informalidade em determinados setores é o que permite maior participação de imigrantes neles (Portes & Castells, 1989: 18-23).

As atividades informais têm uma afinidade especial com a reestruturação produtiva:

*Na verdade, há dois processos interligados: a descentralização de grandes corporações em unidades semiautônomas e a informalização do maior número possível dessas unidades, para que se possam somar aos benefícios da flexibilidade as vantagens das atividades desreguladas em um ambiente regulado. (Portes & Castells, 1989: 26)*

Uma faceta importante do setor informal é que introduz formas disfarçadas de trabalho assalariado, “que privam os trabalhadores até do sentido de uma relação de trabalho proletária” (Portes & Castells, 1989: 13). Isto é reforçado, neste caso, pelo pagamento por produção, que introduz um sentido de “mérito” na remuneração de cada um.<sup>10</sup>

Refletidas no caso boliviano estão tendências globais de instauração de relações mais individualizadas do trabalhador com o local de trabalho e o empregador. Seus efeitos são particularmente perniciosos na medida em que a ação coletiva perde espaço como meio de defesa de direitos e melhora de condições de trabalho; soluções individuais são cada vez mais procuradas.

---

<sup>10</sup> No caso das mulheres, que por serem responsáveis pelo trabalho doméstico costumam ter remunerações mais baixas, isto contribui para agravar uma desigualdade de gênero bastante pronunciada.



Os imigrantes consistem num grupo privilegiado para observar estas tendências. Um fato notável a respeito dos chamados “novos fluxos migratórios” (das últimas cinco décadas), é que o aumento das formas de mobilidade espacial e as múltiplas migrações fazem com que toda a experiência social do migrante seja alterada – incluindo sua relação com o trabalho. As preocupações com a mobilidade dominam a agenda de pesquisas da área (Dorai *et al.*, 1997).

A mobilidade espacial parece ser, de fato, extremamente intensa junto aos bolivianos (cf. Xavier, 2010). Muitos trabalhadores que estão no Brasil há anos retornam regularmente à Bolívia, de modo mais acentuado nos períodos de baixa produção. Nos espaços da cidade utilizados pela comunidade boliviana em São Paulo (principalmente a R. Coimbra e a Praça Kantuta), são vendidos cartões telefônicos internacionais e pode-se ligar para a Bolívia em celulares clonados por preços reduzidos. A manutenção de contatos, portanto, parece ser intensa, e pontuada por deslocamentos físicos. Já na cidade de São Paulo, como mencionado, há forte rotatividade entre as oficinas, o que frequentemente resulta em mudanças de endereços e de bairro – devido ao sistema “cama adentro”.

Por fim, há ainda outra forma de mobilidade bastante interessante. Em Buenos Aires, o sistema de subcontratação do trabalho boliviano mediado por migrantes coreanos se repete de forma surpreendentemente semelhante.<sup>11</sup> Silva (1997) já havia apontado que muitos bolivianos já tinham estado antes em Buenos Aires e migraram em seguida para o Brasil, ou saído do Brasil para Buenos Aires, numa “dinâmica que depende do vai e vem dos indicadores econômicos. Nesse sentido, manter o documento em dia nos dois países pode ser uma estratégia de sobrevivência importante, em momentos de recessão econômica em um outro país” (1997: 90). A recorrência de bolivianos em São Paulo com passagens anteriores por Buenos Aires ou com familiares lá foi também confirmada por mim em pesquisa de campo. Patrícia Freitas (2009), na conclusão de sua dissertação, sugere a formação de um “território circulatório” entre São Paulo e Buenos Aires, na medida em que os dois espaços urbanos se encontrariam

---

<sup>11</sup> A migração boliviana para a Argentina, antiga receptora dos fluxos regionais, também se transforma ao se vincular a outros setores econômicos e se tornar mais urbana, voltando-se principalmente para a construção civil e, mais recentemente, também para o setor têxtil (Hirsch, 2008).



vinculados por “solidariedades fugazes” em torno de um “circuito de subcontratação transnacional”.

A literatura sobre migração transnacional aponta para essa tendência. Ao criar redes extensas em diversos países, os migrantes têm acesso a oportunidades diversificadas. As estratégias familiares de migração são elaboradas de modo a combinar as oportunidades dos diferentes locais, e requerem cooperação por meio das redes de parentesco da parte de quem migra e de quem fica. Como ressaltam Basch *et al.* (1994), estes processos asseguram a reprodução destas famílias, mas impedem a articulação de mobilização coletiva para alterar as condições que forçam à migração.

As considerações da teoria sobre transnacionalismo podem iluminar o caso dos bolivianos em São Paulo, especialmente no que se refere ao uso das estruturas de parentesco nos projetos migratórios. O trecho a seguir, a respeito dos haitianos em Nova York, é bastante esclarecedor também sobre os bolivianos:

*Na superfície, as tensões dentro da família transnacional parecem ser entre os interesses separados de cada indivíduo e os da rede familiar mais ampla. A contradição subjacente, na verdade, é que nem os esforços de cada membro da família nem as redes familiares coletivas oferecem soluções de longo prazo para a desigualdade estrutural que confronta toda a população imigrante haitiana. As redes de famílias transnacionais são o lado obscuro da penetração global do capitalismo. Ao construir famílias transnacionais como estratégias de sobrevivência, os haitianos evitam ser economicamente e emocionalmente esmagados pela mão do capital global. Mas por seu uso bem-sucedido das famílias transnacionais para se manter vivos e com esperança, os transmigrantes haitianos aliviam pressões nas estruturas políticas e econômicas que tornam suas vidas tão precárias. (Basch et al., 1994: 170)*

As mudanças na economia contemporânea criam uma série de tensões e oportunidades para os migrantes e trabalhadores em geral

No caso dos novos fluxos migratórios, trata-se de estratégias mais individualizadas. Não há a noção de concessão nem ação coletiva; os migrantes aceitam condições precárias de trabalho em outros países como parte da construção de um sistema de suporte familiar que aproveite as diferenças econômicas e institucionais dos diferentes lugares. No caso específico dos bolivianos em São Paulo, há a crença disseminada (real ou não) da temporariedade de sua situação. Não há percepção inclusive de uma relação de assalariamento: nem o despotismo impessoal do capital



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

internacional (que ameaça os trabalhadores de fábricas que podem fechar) assombra estes trabalhadores, que tendem a relacionar a remuneração com desempenho pessoal.

## **Conclusão**

Uma análise que integre as perspectivas da sociologia do trabalho e da imigração nos permite ir além de certas noções do senso comum que associam o retorno de formas de trabalho precário a sintomas do atraso. A inserção do fluxo boliviano no setor de confecções de São Paulo está intimamente vinculada às transformações recentes do capitalismo, que recria tais relações num contexto de competitividade acirrada e maior interdependência. Estas formas precárias em setores dinâmicos refletem justamente sua inserção em uma economia internacionalizada, sofrendo as pressões constantes de redução de custos frente a uma competição intensa. Ao aliar informalidade, subcontratação, flexibilidade, cadeias descentralizadas de produção e migração transnacional, o caso da indústria de confecções paulistana fornece um prisma singular para analisar as tendências da globalização e das mudanças nas relações industriais. Mais ainda, aponta para o caráter contraditório dos processos em curso, que abrem novas oportunidades de ganhos e superação de crises, sem contudo apontar para a solução definitiva dessas crises.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## Referências bibliográficas

- APPELBAUM, Richard P.; SMITH, David & CHRISTERSON, Brad (1994). "Commodity chains and industrial restructuring in the Pacific Rim: Garment Trade and Manufacturing" In: GEREFFI, Gary & KORZENIEWICZ, Miguel (eds.) *Commodity chains and global capitalism*. Westport, Connecticut; London: Praeger, pp. 187-204.
- AZEVEDO, Flávio Antônio Gomes de (2005). *A presença de trabalho forçado na cidade de São Paulo: Brasil/Bolívia*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM.
- BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina & SZANTON BLANC, Cristina (1994). *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and the Deterritorialized NationState*. New York: Gordon and Breach Publishers.
- BUECHLER, Simone (2004). "Sweating it in the Brazilian Garment Industry: Koren and Bolivian Immigrants and Global Economic Forces In São Paulo". In: *Latin American Perspectives* 31: 99.
- BURAWOY, Michael (1990). "A Transformação dos Regimes Fabris no Capitalismo Avançado". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 13, ano 5, pp. 29-50, junho.
- DORAI, Mohamed K.; HILY, Marie-Antoinette & LOYER, Frantz (1997). *Bilan des travaux sur la circulation migratoire: convention d'étude du 19 novembre 1997*. Migrinter: Université de Poitiers.
- DURHAM, Eunice (1973). *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva.
- FREITAS, Patrícia T. de (2009). *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- GREEN, Nancy L. (1996). "Women and Immigrants in the Sweatshop: Categories of Labor Segmentation Revisited". *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 38, No. 3, July, pp. 411-433.
- HARVEY, David (1993). *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- HIRSCH, Olivia (2008). "Migrações sul-sul: o caso dos bolivianos no Brasil e na Argentina". *Observador On-Line*, vol. 3, nº 4, abril.
- HIRST, P. & THOMPSON, G. (1998). *Globalização em questão*. Rio de Janeiro, Vozes.
- ILLES, Paulo; TIMÓTEO, Gabriela Louise Soares & FIORUCCI, Eliane da Silva (2008). "Tráfico de pessoas para fins de exploração do trabalho na cidade de São Paulo". *Cadernos Pagu*, nº 31, julho-dezembro, pp. 199-217.
- KONTIC, Branislav (2001). *Aprendizado e metrópole: a reestruturação produtiva da indústria do vestuário em São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_ (2007). *Inovação e Redes Sociais: a indústria da moda em São Paulo*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.
- OIT – Organização Internacional do Trabalho (2005). *Aliança Global contra Trabalho Forçado*. Secretaria Internacional do Trabalho, Genebra.
- PORTES, Alejandro & CASTELLS, Manuel (1989). "World Underneath: The Origins, Dynamics, and Effects of the Informal Economy" In: PORTES, Alejandro, CASTELLS, Manuel, & BENTON, Lauren A. (eds.), *The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press.
- ROSSI, Camila Lins (2005). *Nas costuras do trabalho escravo*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- SASSEN, Saskia (2010). *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre: Artmed.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v.13, N. Esp., p.7-32, jan. 2000.
- SILVA, Carlos Freire da (2008). *Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_ (2009). "Precisa-se: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo". *Revista Travessia*, Janeiro-Abril, ano XXII, nº 63, pp. 5-11.
- SILVA, Sidney da (1997). *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas.
- \_\_\_\_\_ (2008). "FACES DA LATINIDADE: hispano-americanos em São Paulo". *Cadernos Nepo*, Campinas, nº 55.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

XAVIER, Iara R. (2009). “A cidade de El Alto e os fluxos de bolivianos para São Paulo”. Revista Travessia, ano XXII, n° 63, pp. 12-19.

\_\_\_\_\_ (2010). “Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo”. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de Demografia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).